

*Mulheres sob controle: uma análise do cerceamento da linguagem feminina em *Vox*, de Christina Dalcher*

Isabela Godarth Zanotto¹
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR)

Mariese Ribas Stankiewicz²
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR)

Resumo

O presente trabalho propõe uma análise do romance *Vox*, de Christina Dalcher (2018), a partir de sua tradução ao português brasileiro feita por Alves Calado (2018), enfocando, essencialmente, questões do silenciamento da mulher ao longo da história e do desenvolvimento de seu discurso enquanto inserido em uma sociedade densamente patriarcal. *Vox* caracteriza-se como uma crítica à condição da mulher na contemporaneidade e, pertencendo à categoria de ficção científica distópica feminista, especula sobre um futuro sombrio para as mulheres, as quais perderiam seus direitos à linguagem verbal e, conseqüentemente, a qualquer tipo de linguagem em um Estados Unidos futurista distópico. Assim, o principal objetivo desse artigo foi refletir sobre a depreciação da linguagem feminina no romance e sobre possíveis indícios de limitação da linguagem feminina na sociedade contemporânea. Os textos teóricos que fundamentam as discussões acerca do discurso, do gênero e do controle dentro de uma sociedade são representados, principalmente, pelos de Michel Foucault (1997), (1999a), (1999b) e (2006) e de Michelle Perrot (2005). Constatamos que o silenciamento feminino é histórico e que ainda hoje observamos processos de silenciamento literais e simbólicos, que se devem, principalmente, ao fato de que as sociedades contemporâneas se inscrevem em estruturas patriarcais muito antigas.

Palavras-chaves:

Literatura norte-americana. Estudos de gênero. Silenciamento feminino.

¹ Graduanda do curso de Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR).

² Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em inglês e Mestre em inglês e Literaturas Correspondentes (UFSC). Professora de literaturas de língua inglesa do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UFTPR)

Introdução

“No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor [...]”

Página | 140

(Michelle Perrot)

Em *As Mulheres ou os Silêncios da História*, Michelle Perrot (2005) analisa o difícil trabalho de descrever o percurso social das mulheres, enquanto representadas por seus próprios discursos, até o século XIX, uma vez que o silêncio era parte importante de seu comportamento social. Até o início do século XX, poucos escritos femininos eram encontrados em arquivos públicos ou em cartas, diários e autobiografias remanescentes – estes depreciados até a segunda metade do século passado. Assim, diante das representações dos papéis sociais, intensamente controlados por variados discursos, observamos o apagamento da história das mulheres. Sua voz, quando não era literalmente calada, era virtualmente moldada pelo sujeito masculino e só começa a se revelar com maior nitidez ao longo do século XX; antes disso, estavam destinadas a se sujeitar a um poder patriarcal que as define essencialmente pelo seu espaço – o confinamento e as atividades do lar – e, especificamente, pelo seu corpo. Simone de Beauvoir sugere que o homem entende

o corpo como uma relação direta e normal com o mundo que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão. [...] O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Sendo assim, a linguagem do “ser feminino” tem se construído como uma negação, uma falta, uma falha. É relevante salientar que, em nossa contemporaneidade, embora muito tenha mudado em relação a uma abordagem do feminino e as mulheres não tenham permanecido passivas na sociedade, ainda existem inúmeras lacunas no que diz respeito a seus direitos sociais.

O romance *Vox*, da linguista e escritora americana Christina Dalcher (2018), tem como tema central a limitação do uso da linguagem oral para um público específico: o das mulheres. O livro traz à luz questões de gênero, de dominação e de vigilância e sugere que a influência da linguagem para o empoderamento feminino é crucial. *Vox*

suscita questionamentos sobre como a linguagem é necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico e o que as limitações em seu uso acarretam para a ascensão social das mulheres; pontos muito relevantes para os debates sobre o poder da linguagem e do discurso dos quais a mulher tem sido uma assídua representante nos dias de hoje. Porém, o que aconteceria se, da noite para o dia, depois de arduamente conquistarem uma série de direitos e seu espaço na sociedade, as mulheres voltassem a caminhar às margens da sociedade, pois poderiam falar somente com palavras por dia?

Dalcher publica *Vox*, um romance de ficção científica, quando o solo literário tem sido fértil às distopias que envolvem questões de gênero, mas à sombra da adaptação televisiva do romance *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood (1985), iniciada em 2017. Ainda que não tenha alcançado o sucesso que o livro de Atwood desenvolveu a partir de sua adaptação às telas, *Vox* aborda uma questão fundamental para entendimento de como se dá o processo de dominação de uma minoria: retirando-se o direito do outro (neste caso, da mulher) ao discurso, o qual já havia sido conquistado por parte da população feminina, ainda que tenha permanecido mudo em muitas de suas facetas, em virtude das estruturas patriarcais nas quais está inserido. Se o enredo de *Vox* especula sobre a perda discursiva que atribui “certo” poder à mulher, isso faz-nos pensar sobre o que ainda não está adequado na sociedade contemporânea para que imaginemos um futuro tão sombrio para as mulheres.

Ainda que não tenha sido significativamente analisado em âmbito acadêmico, *Vox* recebeu várias críticas, como a escrita por Ian White, crítico da *Starburst Magazine*, revista britânica de grande relevância aos leitores de ficção científica, que atribui nove de dez estrelas ao livro, dizendo que

Vox foca no que acontece quando nossa linguagem é a principal liberdade que é roubada de nós. Nesse aspecto, é quase um *O Conto da Aia: A Próxima Geração* e, embora seja obviamente voltado para um público de suspense mais convencional do que o de *O Conto da Aia* e Dalcher não tenha a facilidade de Margaret Atwood para uma prosa psicologicamente padronizada, *Vox* ainda tem o poder emocional e intelectual para mantê-lo pensando muito tempo depois de terminar de lê-lo. Também ficará sob a sua pele e o deixará extremamente irritado, independentemente do seu gênero^{3,4} (WHITE, 2018).

³ “*Vox is focused on what happens when our language is the primary liberty that’s stolen from us. In that respect it’s almost a Handmaid’s Tale: The Next Generation and, although it’s obviously aimed at a more mainstream thriller audience than Handmaid and Dalcher doesn’t quite have Margaret Atwood’s facility for psychologically attuned prose, Vox still has the emotional and intellectual power to keep you thinking long after you’ve finished reading it. It will also get under your skin and make you extremely angry, regardless of your gender*” (WHITE, 2018).

⁴ Todas as traduções diretamente do inglês para o português foram feitas por nós, salvo as devidamente referenciadas.

Realmente, o tema que especula sobre a relação de poder entre as linguagens feminina e masculina suscita reflexão e pensamento crítico. A negação e o empenho pela desarticulação da linguagem para nos expressarmos e nos posicionarmos no mundo gera a aniquilação do ser em todas as possíveis esferas de relacionamento humano. Assim, o romance traz o exaustivo tema do controle que ainda parece ser muito relevante para o momento.

Por outro lado, *The Guardian* publicou uma crítica escrita por Carry O’Grady, que considera o plano pintado por Dalcher “intempestivamente imaginado”⁵:

[...] [O] romance inteiro é inacreditável, e talvez esse seja o ponto. A sutileza não é uma preocupação aqui, e o tema de ‘acorde!’ é martelado tão vigorosamente em casa que pode parecer prejudicial. ‘Não é sua culpa’, diz um homem a Jean. ‘Mas é’, ela pensa. ‘Minha culpa começou há duas décadas, a primeira vez que eu não votei... estava muito ocupada para seguir [em uma marcha]’. É uma peça com a configuração absurda, a escrita densa e a apropriação casual de alguns dos mais hediondos instrumentos de opressão da humanidade – campos de trabalho, contenções eletrificadas – a serviço de um suspense. Se Dalcher quer assustar as pessoas para que acordem, seria melhor enviá-las de volta aos livros de história, em vez de avançar para um futuro exagerado e intempestivamente imaginado⁶ (O’GRADY, 2018).

Talvez o enredo que traz essa temática “intempestivamente imaginada” seja mesmo uma metáfora para pontos da história que nunca foram totalmente deixados no passado. O romance não deixa de ser uma descomedida releitura de algumas relações de poder que se encontram nos livros de história, mas, certamente, suscita a crítica e a reflexão sobre a sociedade contemporânea que ainda é extremamente sexista e centrada no masculino. Além disto, de acordo com Lee Child, crítico de *The New York Times*, *Vox* é “inteligente, cheio de suspense, provocador e intensamente perturbador – tudo o que um grande romance deve ser”⁷ (CHILD, 2018). Essa crítica impressa em algumas edições de *Vox* promove a venda do livro ao mesmo tempo em que incita o desenvolvimento de uma análise mais aprofundada de sua narrativa.

5 “[H]astily imagined”.

6 “But then, the whole novel beggars belief, and maybe that’s the point. Subtlety is not a concern here, and the theme of ‘wake up!’ is hammered home so vigorously that it can feel hectoring. ‘Not your fault,’ a man says to Jean. ‘But it is,’ she thinks. ‘My fault started two decades ago, the first time I didn’t vote ... was too busy to go on [a march].’ It’s of a piece with the preposterous setup, the payoff-heavy writing and the casual appropriation of some of humanity’s most heinous instruments of oppression – labour camps, electrified restraints – in the service of a thriller. If Dalcher wants to scare people into waking up, she would do better to send them back to the history books, rather than forward into an overblown, hastily imagined future” (O’GRADY, 2018).

7 “[I]ntelligent, suspenseful, provocative and intensely disturbing – everything a great novel should be” (CHILD, 2018).

Apesar de seu teor distópico, que traz as problemáticas femininas e os efeitos sociais do machismo, a religião exacerbada e as relações de poder, *Vox* (por ser recente e por ter um caráter de cultura de massa) não tem sido suficientemente analisado em trabalhos acadêmicos. Consideramos que a função da linguagem articulada pela autora, enquanto instrumento empoderador, é irrefutável. A privação da linguagem como meio de controle para desestruturar o pleno desenvolvimento do ser humano, especialmente o do sexo feminino, faz com que o romance se volte ao passado de muitas mulheres que foram silenciadas à medida que o sistema patriarcal se fortalecia. Assim, este trabalho procura oferecer uma análise de *Vox* a partir de sua tradução ao português brasileiro feita por Alves Calado em 2018, no sentido de verificar outras questões acerca da linguagem que Dalcher buscou explorar, como quando e em qual nível ela passa a ser instrumento de empoderamento ou repressão, ou seja, até qual ponto ter acesso ao uso da língua e da linguagem empodera ou reprime.

Além da proposta da apresentação de um estudo de *Vox*, o principal objetivo deste artigo é analisar a linguagem enquanto instrumento de repressão ou de empoderamento feminino e compreender que a proibição do desenvolvimento do discurso feminino poderia ser uma especulação das repreensões da mulher que ainda acontecem em nossa contemporaneidade. Para realizarmos essa análise, especialmente dois pensamentos críticos serviram de base para a estruturação da argumentação sobre como o discurso feminino encontrou seu espaço em nossa contemporaneidade, mas ainda se encontra fragilizado na densa estrutura patriarcal circundante – as elaborações de Michel Foucault (1997) (1999a) (1999b) (2006), sobre a dominação dos corpos, e de Michelle Perrot (2005), para tratar das questões da dominação masculina. Isto posto, e sempre compreendendo que a linguagem e suas expressões são fundamentais para o desenvolvimento e posicionamento do ser humano na sociedade, esperamos que este artigo se configure como uma reflexão acerca do uso da linguagem como instrumento de dominação de partes específicas da população.

1.1 Linguagem e o Ser Mulher

A linguagem é, sem dúvida, um instrumento de dominação – basta observarmos o processo de colonização dos povos quando a língua do dominado era suprimida, enquanto a dos dominadores tornava-se oficial. Quem tem acesso à língua ou à linguagem e pode usufruir dela consegue mover-se por meios que são inalcançáveis aos

que não a dominam. Este artigo é um exemplo disso, já que sua realização só se fez possível porque quem o escreve conhece e, mais importante, tem a possibilidade de usar a linguagem a seu favor.

Nesse sentido, existe uma relação manifesta entre a linguagem e o sujeito. O conhecimento do mundo e de si próprio só é possível por meio da linguagem. O ser humano pensa, mas é pela linguagem que representa seus pensamentos, que conhece sua inserção no mundo e sua própria finitude. Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault (1999b) fala sobre a concepção da linguagem em vários períodos do mundo ocidental, mas o ponto em comum entre eles demanda que entre as palavras e as coisas existe a linguagem enunciada pelo ser humano, que, por sua vez, é enunciado por ela. Segundo Foucault, “tudo o que havia funcionado na dimensão da relação entre as coisas (tais como são representadas) e as palavras (com seu valor representativo) acha-se retomado no interior da linguagem e incumbido de assegurar-lhe a legalidade interna” (FOUCAULT, 1999b, p. 466-67). Se quisermos nos conhecer como seres humanos, só poderíamos ser bem sucedidos se nos entendermos por intermédio da linguagem, uma vez que não pensamos a linguagem, é a linguagem que “pensa” o ser humano. Assim, somos feitos da linguagem que utilizamos. A imagem que temos de nós mesmos é construída pela linguagem. Foucault prossegue falando que

[...] a busca das ligações intracorticais entre os diferentes centros de integração da linguagem (auditivos, visuais, motores) não é da alçada das ciências humanas; mas estas encontrarão seu espaço de desempenho, desde que se interrogue esse espaço de palavras, essa presença ou esse esquecimento de seu sentido, essa distância entre o que se quer dizer e a articulação em que essa intenção é investida, coisas de que o sujeito talvez não tenha consciência, mas que não teriam nenhum modo de ser assinalável se esse mesmo sujeito não tivesse representações (FOUCAULT, 1999b, p. 486-87).

A questão devastadora seria: quem somos nós se não temos plena liberdade para nos expressarmos pela linguagem? Se somos representados pela linguagem do outro, tornamo-nos os objetos da nossa própria história. O que importaria para o ser humano se seus pensamentos não fossem traduzidos pela linguagem para representá-lo? Pois é isso o que acontece em *Vox*, quando a Dra Jean McClellan se depara com uma lei implantada por um novo governo: as mulheres só podem falar cem palavras por dia. Para garantir que essa nova atribuição seja cumprida, cada mulher usa em seu pulso um contador de palavras e, caso ultrapasse esse limite de palavras, recebe um choque que aumenta de intensidade progressivamente. Além disso, as mulheres também são proibidas de trabalhar e as meninas já não aprendem mais a ler e a escrever, uma vez que vão para

escolas separadas por gênero. Sendo assim, a função social do papel da mulher se reduz, novamente, ao de dona de casa e mãe, fazendo com que, como consequência, a escola se prepare para o silêncio.

O romance apresenta Jean, neurolinguista especializada em Afasia de Wernicke⁸, em um Estados Unidos distópico, uma narradora desse novo mundo, envolvida em seus pensamentos, reflexões e sentimentos sobre como não está contente com seu próprio destino e com o de sua filha Sonia:

Com seis anos, Sonia deveria ter um exército de dez mil lexemas, soldados que se reúnem, ficam em posição de sentido e obedecem às ordens dadas por seu cérebro pequeno e maleável. Deveria, se os três elementos básicos (leitura, escrita e aritmética) não estivessem reduzidos a um: aritmética simples. Afinal de contas, um dia [sua] filha deverá fazer contas e cuidar da casa, ser uma esposa dedicada e obediente. Para isso é preciso aprender matemática, não soletração. Ela não precisa de literatura. Muito menos da voz (DALCHER, 2018, p. 8).

Além de ser uma estudiosa da fala, sua própria filha sofre com a limitação da linguagem oral. As mulheres passaram a ser silenciadas depois que um líder político, o Presidente Sam Myers, ao lado do Reverendo Carl e apoiado em um fundamentalismo religioso que pretendia formar uma nação “pura”, foi eleito por causa da displicência do povo em achar que não deveria se preocupar em escolher seus governantes – esta já é uma grande crítica à nossa passividade na sociedade. Dentro do novo caos do regime, os filhos homens de Jean passam a apoiá-lo. Ultrajada, Jean é, ironicamente, obrigada a trabalhar com o governo para ajudar o irmão do presidente que, após sofrer um acidente que afetou a área (cerebral) de Wernicke, passa a usar a linguagem de forma desconexa. Livre de seu contador de palavras, o qual poderia lhe causar choques nesse ambiente, Jean vai aos poucos descobrindo as intenções do governo e começa a trabalhar para mudar a situação em que se encontram as mulheres dos EUA.

A desconstrução das conquistas da mulher no espaço contemporâneo, que se faz por causa de uma fragilidade de sua posição em um sistema predominantemente masculino, ganha destaque na escrita de Dalcher. Dessa maneira, em *Vox*, a escritora apresenta essa limitação do discurso, da linguagem, da liberdade e da dignidade, como

8 A Afasia de Wernicke apresenta-se como uma ironia de Dalcher para intensificar a tristeza de Jean no romance, uma vez que enfatiza seu conhecimento sobre a importância da linguagem para o ser humano. Segundo Novaes-Pinto e Santana, com esse tipo específico de afasia, “os sujeitos teriam dificuldades para compreender a linguagem verbal, já que haveria uma interrupção das fibras nervosas – das conexões, bloqueando a chegada das informações às áreas associativas. [No entanto, a] produção estaria relativamente preservada, desde que as áreas motoras não estivessem afetadas” (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009, p. 415).

força do direito que, nesse caso, é negado à mulher. A linguagem subjacente, ou seja, a linguagem que consegue produzir com as cem palavras diárias serve para a construção de um novo sujeito feminino nascido de suas próprias memórias da história silenciosa das mulheres do passado. Nesse sentido, o romance serve como uma crítica daquilo que não deve ser esquecido e, também, daquilo que é frágil e incoerente dentro do universo feminino. Uma das coisas que Jean diz ter aprendido é que “[...] você não pode protestar contra o que não vê se aproximar” (DALCHER, 2018, p. 26). *Vox* nos faz refletir que ainda é necessário insistirmos em ações pelo direito e pela expressão do ser – seriam ações para que esta estrutura em que vivemos seja repensada e transformada. Dalcher elabora uma personagem bem consciente do posicionamento da mulher naquela sociedade: Jackie Juarez, vista por todos como uma histérica sensacionalista que constantemente acaba aparecendo na TV. Ela diz:

Vocês não fazem ideia, senhoritas. Absolutamente nenhuma ideia. Estamos a um passo de voltar à pré-história, meninas. Pensem nisto. Pensem onde vocês vão estar, onde suas filhas vão estar, quando os tribunais atrasarem os relógios. Pensem em expressões como ‘permissão do cônjuge’ e ‘consentimento paterno’. Pensem em acordar um dia e descobrir que não tem voz em nada (DALCHER, 2018, p. 16).

Como crítica social, Dalcher sugere que o patriarcalismo seria um sistema político no qual os homens determinam o papel da mulher na sociedade; assim como foi acirradamente no passado, assim como ainda é sob uma densa sombra no presente. Em *Vox*, esse poder é exercido majoritariamente pela força, pela memória dos dogmas religiosos encontrados na Bíblia e, principalmente, pela linguagem, que, paradoxalmente, são quase que inteiramente denunciados pela voz feminina dos pensamentos da narradora que conta essa história ao longo da narrativa.

A linguagem é um dos principais meios de dominação. Ela é demasiadamente política e procura lutar pelo poder, pelos diversos poderes de uma sociedade. Em nossa contemporaneidade, a mulher ainda se encontra em processo de resistência, em processo de garantir seu poder, de empoderar-se, o que faz com que haja sempre uma reação contrária ao seu posicionamento. Foucault observa que as relações de poder

[...] suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante (FOUCAULT, 2006, p. 232).

Sendo assim, é por meio do discurso que a grande maioria das mulheres acaba

por internalizar os valores, as leis, os rituais ou as tradições, entre tantos outros pontos, do universo patriarcal, podendo resistir a eles ou, então, participar ativamente e efetivamente de sua própria doutrinação para o papel da mulher na sociedade, quando acabam por ver o homem como superior a elas próprias.

É o discurso patriarcal o responsável pelo apagamento da voz feminina, que vai induzir a mulher a ser conivente com a ideia de que foi feita para ser mãe e cuidadora do lar e que sua voz é imprópria em diversos segmentos da sociedade. Foucault elabora que a sexualidade da mulher pode ser vista como um processo de histerização, em que

[...] o ‘sexo’ foi definido de três maneiras: como algo que pertence em comum ao homem e à mulher; ou como o que pertence também ao homem por excelência e, portanto, faz falta à mulher; mas, ainda, como o que constitui, por si só, o corpo da mulher, ordenando-o inteiramente para as funções de reprodução e perturbando-o continuamente pelos efeitos destas mesmas funções: a histeria é interpretada, nessa estratégia, como o jogo do sexo enquanto ‘um’ e ‘outro’, tudo e parte, princípio e falta (FOUCAULT, 1999a, p. 142-43).

As mais diversas relações de poder e verdade interagem em nossa sociedade e inscrevem-se nos corpos, construindo comportamentos e gestos e tornando-se centros de mecanismos de dominação. Por fim, os comportamentos instituídos constituem a nós mesmos de forma que nem chegamos a perceber o quanto somos controlados. É nesse sentido que Foucault (1999a) vai tratar da sexualidade – não como algo natural, mas como uma construção cultural vinculada ao discurso do dominador. É preciso disciplinar, adestrar o corpo, legitimando o poder daqueles que o dominam. A construção desse ideário é observada claramente em *Vox*, quando as personagens femininas são controladas por regras morais fundamentadas por desdobramentos das doutrinas de um sistema totalitário e patriarcal.

1.2 Um Futuro Sombrio – Controlando as Mulheres

Vox, em um âmbito geral, pertence ao gênero de ficção científica, que apresenta inúmeras ramificações e subgêneros, o que, muitas vezes, faz um texto literário, amplamente considerado como de ficção científica, ser de difícil categorização. Atwood, por exemplo, nega chamar *The Handmaid’s Tale* de ficção científica, preferindo, ao invés disto, ficção especulativa. Ela, veementemente, afirma que “[f]icção científica tem

monstros e espaçonaves, [mas] ficção especulativa poderia realmente acontecer”⁹ (ATWOOD *apud* GORDON, 2004, p. 23). No entanto, críticos e estudiosos têm enfrentado grandes obstáculos para definir a ficção especulativa. Kim Gordon, uma estudiosa dos gêneros ficção científica e fantasia, comenta que a ficção especulativa

[...] surgiu da crítica de ficção científica no final da década de 1940, descrevendo originalmente um subconjunto da ficção científica, cujas histórias se concentravam em extrapolar o atual conhecimento científico. Ganhou mais aceitação no final dos anos de 1960 e de 1970, com o surgimento da ‘*New Wave*’ ou ficção científica ‘leve’ que se concentrava menos nas ciências ‘duras’ tradicionais (física, química), mas mais interessada na ‘FC sociológica’ – explorando a mudança social sem a ênfase na ciência e tecnologia ‘tradicionais’¹⁰ (GORDON, 2004, p. 21).

Mesmo entendendo a grande proximidade de gênero entre *Vox* e o romance de Atwood, adotamos uma terminologia mais específica e que encontra o respaldo de muitos críticos da ficção científica, ou seja, ficção científica distópica feminista. Gordon sugere que textos de ficção científica que versam sobre uma natureza feminista distópica “tem muito em comum com extrapolações feministas de cenários pós-apocalípticos (particularmente holocausto nuclear e ambiental), resultando em grandes mudanças sociais”¹¹ (GORDON, 2004, p. 22). Textos literários que se encaixam na mesma categoria de *Vox* podem ser representados por *Walk to the End of the World* (1974) e *Motherlines* (1978), de Suzy McKee Charnas; *The Gate to Women’s Country* (1989) e *Raising the Stones* (1990), de Sheri Tepper; e *Always Coming Home* (1985) e *The Matter of Seggri* (2003), de Ursula Le Guin.

Em abordagens mais amplas, a distopia, que é uma assídua característica de textos de ficção científica, geralmente tem sido contraposta com a utopia. Nesse sentido, de modo geral, a distopia seria o contrário da utopia, já que, nesta, a sociedade é considerada ideal e, portanto, livre de quaisquer problemas e, naquela, muitos problemas existem e são geralmente mostrados de uma maneira exagerada. A exemplo disto, logo no início de *Vox*, ao lembrar do caos instaurado com a implantação do novo sistema de

⁹ “*Science fiction has monsters and spaceships; speculative fiction could really happen*” (ATWOOD *apud* GORDON, 2004, p. 23).

¹⁰ “*The term arose out of science fiction criticism in the late 1940’s, originally describing a subset of science fiction whose stories concentrated on extrapolating from current scientific knowledge. It gained more currency in the late ‘sixties and ‘seventies with the rise of ‘New Wave’ or ‘soft’ science fiction that concentrated less on the traditional ‘hard’ sciences (physics, chemistry) but more interested in ‘sociological SF’ – exploring social change without the emphasis on ‘traditional’ science and technology*” (GORDON, 2004, p. 21).

¹¹ “[...] *has much in common with feminist extrapolations of post-apocalyptic (particularly nuclear and environmental holocaust) scenarios resulting in massive social changes*” (GORDON, 2004, p. 22).

cerceamento da fala, Jean lembra da condescendência de seu marido Patrick. Ela pondera que não estava “se sentindo extravagante [...] sobretudo depois de [se] lembrar da facilidade com que [se] tornaram prisioneiros em [seu] próprio país, depois de Patrick [a] abraçar e dizer para não ficar pensando em como as coisas eram antes” (DALCHER, 2018, p. 13). Com esta declaração, o leitor pode se questionar sobre essa “facilidade” com que o governo pode transformar uma nação: onde estavam as políticas de direitos humanos? O que foi feito das manifestações daqueles que se posicionavam contrários a essas medidas, como é comum em casos de mudanças extremas e repentinas? Atos aparentemente inocentes, como a valorização da ordem, da religião e de discursos que procuram levar a sociedade a um futuro mais justo e correto podem alimentar o princípio do controle nessas distopias, que, na ficção científica, fazem com que os problemas sejam exagerados e as soluções, minimizadas.

Para *Vox*, ao contrário de muitos textos distópicos, há uma solução, há um final feliz: há a reversão do regime. Embora já esteja vivendo no Canadá quando tudo volta ao normal, ela fica sabendo que “[a]s rádios e televisões voltaram à vida; as gráficas começaram a cuspir jornais. Mulheres fizeram manifestações em silêncio até que seus pulsos e palavras foram libertados” (DALCHER, 2018, p. 317). Contudo, o caminho até esse fim não foi sem percalços e Jean divide-se entre a preocupação com o filho mais velho, que simpatiza com o regime e, posteriormente, é censurado pelo mesmo regime que apoiava, e a preocupação com a filha e seu desenvolvimento cognitivo enquanto ser humano, pois analisa que Sonia fica tímida e já não usa tanto as palavras, ganhando até mesmo um prêmio por falar cada vez menos e, assim, Jean reflete: “minha filha ficou em silêncio o dia todo” (DALCHER, 2018, p. 90).

Os efeitos do controle da expressão e do cerceamento da linguagem podem ser desastrosos para o desenvolvimento do pensamento do ser humano que, de acordo com Vygotsky, inicia-se a partir do

discurso social, [para] depois [desenvolver-se] o discurso egocêntrico, depois o discurso interior. [...] [A] verdadeira trajetória de desenvolvimento do pensamento não vai no sentido do pensamento individual para o socializado, mas do pensamento socializado para o individual (VYGOTSKY, 2005, p. 18).

Assim, a fala antecede o pensamento. Só podemos pensar de forma ordenada depois que aprendemos a organizar as palavras, que somos entendidos e compreendemos o mundo. Nesse sentido, é preciso que falemos, é preciso interação social e liberdade de expressão para que o ser humano se desenvolva na sociedade. Sem isso, toda a sua

construção crítica sobre o mundo poderia ser afetada – e seria exatamente isso que aconteceria às mulheres no país distópico representado em *Vox*.

Sendo assim, o que acontece literalmente em *Vox* é um “vigiar” e “punir” as mulheres de forma muito constante. Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1997) mostra como esses regimes podem ser realmente comparados a prisões, especialmente as do modelo Panóptico, proposto por Jeremy Bentham, uma vez que, a partir dessa estrutura, os administradores de prisões, hospitais, escolas, indústrias ou manicômios poderiam facilmente observar e controlar os indivíduos, recompensando-os ou punindo-os de acordo com seus comportamentos. Ao procurar por segredos do e provas contra o governo, Jean até compara a situação em que vive com a de *1984*, de George Orwell (1949):

Para nós a coisa não é tão ruim quanto para Winston Smith, tendo de se agachar num canto cego de seu apartamento de um cômodo enquanto o Grande Irmão vigia através de uma tela na parede, mas temos câmeras. Há uma na porta da frente, uma na dos fundos e uma acima da garagem, apontada para a entrada de veículos. Eu as vi sendo instaladas um ano atrás, no dia em que Sonia e eu recebemos os contadores (DALCHER, 2018, p. 194).

Em sociedades altamente controladoras, todos podem ser vistos. Há uma vigilância contínua, caracterizada pela propagação de câmeras espalhadas por toda a parte. Em uma sociedade em que o corpo define quem somos, um sistema pode nos controlar por meio de nossos gestos, comportamentos, hábitos e discursos; pode adestrar e aprimorar nossos corpos. Foucault afirma que

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais (FOUCAULT, 1997, p. 29).

Certamente, em nossa contemporaneidade, as mulheres não são mais indiferentes ou passivas ao discurso patriarcal. O silêncio que reinava no universo feminino de séculos passados deve permanecer como uma memória amarga da história da qual as mulheres foram protagonistas. Sobre o aspecto social da linguagem da mulher, Perrot argumenta que

[e]videntemente as mulheres não respeitaram estas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflados às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião (PERROT, 2005, p. 10).

O silêncio e o silenciamento feminino fazem parte da história, como afirma Perrot, e foi veementemente imposto por políticas elaboradas por homens, porque

[t]eme-se sua conversa fiada e sua tagarelice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História. Imagina-se, sabe-se que as mulheres não deixaram de fazê-lo. Frequentemente, também, elas fizeram de seu silêncio uma arma (PERROT, 2005, p. 10).

Beauvoir lembra que “os homens sempre detiveram todos os poderes [sic] concretos; [...] julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos se estabeleceram contra elas; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro” (BEAUVOIR, 1970, p. 179). Porém, por que foi útil manter as mulheres em silêncio por tanto tempo? E, ainda, por que é útil que elas retornem a essa condição? Sempre houve uma intransigência, uma incompatibilidade entre o discurso masculino e o feminino. Ao longo do processo de resistência, sentimos uma constante apreensão acerca da estrutura patriarcal já estabelecida, já que os “dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História” (PERROT, 2005, p. 10). *Vox* procura lembrar-nos dessa história, pois, analogamente à sociedade que controla a linguagem das mulheres no romance, vislumbramos o seu silenciamento no passado (e por vezes no presente), com o qual, ao lado dos efeitos do patriarcalismo, elas têm dialogado.

Conclusão

Ao longo deste estudo, buscamos uma relação dialógica entre o romance de Dalcher e as mudanças sociais que a repressão, com destaque para a do discurso feminino, pode causar. Historicamente, esse processo vem acontecendo e se repetindo; se não pelo silenciamento literal, pelo silenciamento moral, físico, psicológico e sexual. Na história, tacitamente, definem-se classes sociais como “dignas” e “indignas” – analogamente, os gêneros podem ser pensados dessa maneira. Há quem controla e quem é controlado; quem manda e quem obedece; quem fala e quem escuta. Os ataques aos marginalizados sempre aconteceram de forma semelhante à descrita em *Vox*: lentamente, sem a maioria da população se dar conta – até que, um dia, o mundo desperta diferente, pior para uma parte da população que, mesmo sendo maioria em número, são minoria em direitos.

Um questionamento incisivo que se sobressai em *Vox* diz respeito a um receio do discurso da mulher coexistir com o discurso masculino de forma igualitária. As

grandes narrativas, como a História e a Bíblia, ainda têm sido determinantes de nossas condições na sociedade. O corpo da mulher ainda é visto como o mais frágil, o maternal, o objeto. Os homens (e também as mulheres) ainda aprendem que é vantajoso dominar esse corpo e manter essa parte da população subordinada – automaticamente, em uma sociedade idealmente ordenada por princípios e morais que favorecem o desenvolvimento masculino, outras minorias, como negros, índios e homossexuais, entre outras, também podem ser mais facilmente controladas.

O que assusta no livro de Dalcher é que podemos perceber aspectos similares aos narrados em nossa sociedade. Perguntamo-nos se isso não poderia realmente acontecer, ainda que em menor escala. Mesmo sendo ficção, mesmo sendo distopia, há vários aspectos no romance que mostram uma grande verossimilhança com a realidade e é por isso que, a nosso ver, *Vox* deveria ser amplamente debatido. Se ao longo dos anos e do desenvolvimento das sociedades, esses processos de silenciamento sempre aconteceram e até se repetem, por que dificilmente ponderamos sobre eles? Sabemos que o mundo tem mudado e que aqueles que eram subordinados em um passado recente não são mais vítimas. Agora, participam ativamente das relações de poder em caráter constante de resistência. É essencial estabelecermos relações de igualdade, tão sonhadas pelo movimento feminista e tão temidas pelo patriarcalismo. No entanto, dar voz às mulheres significa reconhecer que elas ainda não a têm.

Assim, esta análise de *Vox* configura-se como uma reflexão sobre o tema da voz da mulher ou do silenciamento feminino que são constantemente trazidos à luz, mas, muitas vezes, de forma depreciada e negligenciada. É importante que haja mais reflexões acerca da importância da participação da mulher em cargos públicos e em decisões políticas e sociais. A ideia sobre a qual todo o romance de Dalcher se constrói tem a ver com a acomodação dos eleitores na escolha de seus governantes, o que, certamente, fortalecerá seus sentimentos de culpa no futuro – Jean lembra ter começado “[...] há duas décadas, na primeira vez em que não votei, nas vezes incontáveis em que disse a Jackie que estava ocupada demais para ir a uma das suas passeatas, fazer cartazes ou ligar para meus congressistas” (DALCHER, 2018, p. 15). Olhar para o passado pode ser doloroso, mas é essencial para que os erros históricos não se repitam, desse modo, as próximas gerações podem olhar para nosso presente (e seu passado) com orgulho e sem dor.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo 1 – fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CHILD, Lee. Who loved *Vox*. **Christina Dalcher**. Nova York. 10 maio 2018. Disponível em <https://christinadalcher.com/2018/05/10/who-loved-vox-lee-child/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Página | 153

DALCHER, Christina. **Vox**. Trad. Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e a coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GORDON, Kim. Understanding speculative fiction: the genres of fantasy and science fiction. **mETaphor Journal**, University of Sydney, n. 3, p. 21-27, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331249473_Understanding_Speculative_Fiction. Acesso em: 23 jun. 2020.

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo; SANTANA, Ana Paula (2009). Semiologia das afasias: uma discussão crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a12.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

O'GRADY, Carry. *Vox* by Christina Dalcher review: overblown feminist dystopia. **The Guardian**, Reino Unido, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/aug/22/vox-christina-dalcher-book-review>. Acesso em: 08 jan. 2020.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Trad. Néelson Jahr Garcia. São Paulo: Editora Ridendo Castigat Mores, 2005.

WHITE, Ian. *Vox*: review. **Starburst Magazine**, Manchester, ago. 2018. Disponível em: <https://www.starburstmagazine.com/reviews/vox>. Acesso em: 08 jan. 2020.

WOMEN UNDER CONTROL: AN ANALYSIS OF THE RETRENCHMENT OF FEMALE LANGUAGE IN *VOX* BY CHRISTINA DALCHER

Abstract

The present study proposes an analysis of the novel *Vox*, by Christina Dalcher (2018), from its translation into Brazilian Portuguese by Alves Calado (2018), focusing essentially on issues of silencing women throughout history and the development of their discourse while inserted in a densely patriarchal society. *Vox* is characterized as a criticism of the condition of women in contemporaneity and, in belonging to the category of dystopian feminist science fiction, speculates about a somber future for women, who would lose their rights to verbal language and, consequently, to any type of language in a dystopian futuristic United States. Thus, the main objective of this article was to reflect on the depreciation of female language in the novel and on possible signs of female language limitation in contemporary society. The theoretical texts that support the discussions about discourse, gender and control within a society are represented mainly by those of Michel Foucault's (1997), (1999a), (1999b) and (2006) and of Michelle Perrot's (2005). We note that female silencing is historical and that even today we observe literal and symbolic silencing processes, which are mainly due to the fact that contemporary societies are part of very old patriarchal structures.

Keywords

North American literature. Gender studies. Female silencing.

Recebido em: 13/10/2020

Aprovado em: 12/11/2020